

Entrevista com o Professor Doutor Custódio Almeida¹

Vicente Brazil²

Lara Rocha³

Na manhã do dia 23 de julho de 2024, os professores Vicente Brazil, representando a Universidade Estadual do Ceará (UECE), e Lara Rocha, representando a Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), foram recebidos no Gabinete do Reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Prof. Dr. Custódio Almeida, para uma entrevista de pouco mais de uma hora. As seis principais perguntas destacadas fundaram o norte que objetivou entender o processo de institucionalização da filosofia no Estado, assim como as características da reflexão filosófica motivada pelas particularidades cearenses.

O mote para essas questões é o âmago do número comemorativo aos dois decênios de fundação da *Kairós: Revista de Filosofia*, que abriga o Dossiê “Filosofia em Terras Alencarinas”, utilizando-se da celebração para promover um olhar da filosofia feita por instituições de ensino superior e por pesquisadores cearenses. Essa *anima* percorre as linhas a seguir:

Pergunta 1: (Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Bom dia, Prezado Prof. Custódio! Inicialmente gostaríamos de agradecer sua disponibilidade em conversar conosco e com nossos leitores acerca da Filosofia feita em solo cearense, ou por pesquisadores cearenses em outras plagas, assim como acerca da sua institucionalização nas

¹ O entrevistado, Prof. Custódio Almeida, atual reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor da IES desde 1993, desempenhou diversos cargos de gestão administrativa na universidade: Chefe do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (1995-1996), Coordenador do Curso de Graduação em Filosofia (2000-2003), Coordenador de Área da Pró-Reitoria de Graduação (2003-2007), Diretor do Instituto de Cultura e Arte - ICA (2008-2011), Pró-reitor de Graduação (2007-2015), Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará (2015-2019). É doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2945-4164>.

² O entrevistador, Prof. Vicente Brazil, é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Realizou estágios de Pós-doutoramento na mesma IES. Atualmente é professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde também atua como coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia. E-mail: vicente.brazil@uece.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0830-6349>.

³ A entrevistadora, Lara Rocha, é doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É coordenadora editorial das revistas científicas vinculadas à Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: larafr87@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2865-196X>.

últimas décadas. A *anima* para essa discussão é o aniversário de 20 anos de fundação da *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. Sinta-se livre para relatar suas experiências, sua perspectiva enquanto docente e agora na reitoria da Universidade Federal do Ceará.

A filosofia feita em solo cearense é fruto da confluência de diversos fatores, como o aumento da oferta de cursos de graduação e pós-graduação, o ensino de filosofia na rede básica, o estímulo à pesquisa e o diálogo interinstitucional. Como o senhor observa esses movimentos concomitantes e de que maneira eles animam a produção e a formação filosófica no Estado?

Prof. Dr. Custódio Almeida: Bom dia! Eu vou dar respostas muito mais espontâneas do que provenientes de um planejamento inicial. Mas eu quero começar efetivamente pelo começo.

Com relação a primeira colocação, eu responderia da mesma forma, independentemente do local da entrevista. A primeira afirmação a ser feita é: a filosofia é grega. E a minha concepção é muito clara e cada vez mais dura com relação a afirmar que só faz filosofia no sentido estrito da palavra quem fizer filosofia grega, que remete ao nascimento de um modo de perguntar que se difundiu pelo mundo todo. Portanto, é importante dizer, não se trata de uma filosofia grega no sentido de que os gregos são donos dessa forma de pensar, mas de um modo de reflexão que despertou na Grécia, e muitos fatores históricos, geográficos e econômicos podem explicá-lo. Na verdade, existem várias tentativas de descrever por que esse modo específico de pensar e de perguntar surgiu na Grécia. Poderia ter nascido no Egito, na China, ou na Índia, mas nasceu na Grécia, não devido a algum tipo de privilégio, mas porque as confluências históricas fizeram com que fosse assim.

E que tipo de pensamento é esse ao qual me refiro? É aquele que não pergunta por objetos. Até hoje a filosofia é motivo de indagação, de modo que nada mais atual do que questionar, por exemplo, o que é a filosofia, e quando perguntamos sobre um objeto, a resposta pode esgotar a pergunta. Por exemplo, ao indagar o que é o ouro, do ponto de vista químico, ao responder à questão, considera-se que ela está definitivamente objetada. Não há mais atualização a ser feita. Não há mais por que perguntar o que é o ouro, porque a resposta já está dada.

Porém, quando você pergunta por algo que não é um objeto, essa questão fica sempre carente de atualização. Então, esse é o modo específico de pensar e perguntar ao qual eu me refiro quando falo em filosofia grega e que, por sua vez, não é um questionamento por objetos. Portanto, se eu falasse com o filósofo que fez a grande crítica à ontoteologia da tradição, que foi Martin Heidegger, que traz à tona de forma radical essa questão, para ele, não por acaso, a filosofia é grega. Além disso, a pergunta da filosofia não se volta para os entes, mas sobre aquilo que é a condição para o ente ser ente. Portanto, não é uma pergunta ôntica, mas ontológica. E isso é filosofia grega: perguntar, discorrer e discursar sobre essas grandes questões.

Eu iniciei dessa forma para justificar porque eu daria a mesma resposta ao questionamento sobre a filosofia alencarina, ou uruguaia, ou gaúcha, ou até mesmo chinesa. É filosofia se não se perguntar por objetos.

Eu já falei sobre o que seria perguntar por objetos quando mencionei o ouro, mas o que seria não perguntar por objetos? Para tanto, eu faço uma nova pergunta: o que é justiça? Justiça não é objeto. E assim como a pergunta sobre o que é a filosofia é sempre carente de atualização e se renova todos os dias, a pergunta sobre o que são os temas aos quais a filosofia se dedica também permanece carente de atualização.

Depois de Darwin e da sua teoria da evolução, muitas discussões começam com a questão: o que é vida? Trata-se de uma pergunta filosófica ou científica? Vida é objeto ou não? É uma pergunta sempre carente de atualização? Afinal, quando você define vida, de alguma forma você deixa espaço para essa pergunta ser feita outra vez.

Então, quando eu pergunto o que é justiça, não é que não haja respostas para essa pergunta. A filosofia tenta responder, mas ao mesmo tempo entende que as respostas não darão conta da pergunta que se renova em contextos distintos. Portanto, são questões que o tempo renova, e são, portanto, filosóficas. Não por acaso para Heidegger, em *Ser e Tempo*, o tempo propicia que a pergunta sobre o Ser seja retomada outras vezes.

Dito isso, eu afirmaria que o Ceará adentra na cultura filosófica, porque se trata de um aprendizado, quando começa a receber formação para entender a distinção entre o que é objeto e o que não é, ou seja, entre ente e Ser. Além disso, a história do

Ceará é marcada por indivíduos que, por ter formação fora do país, trazem na bagagem esse tipo de pergunta, para as quais desenvolvem algumas respostas.

Mais recentemente, quando cursos de graduação chegaram, quando a filosofia foi para a escola, quando a pós-graduação em filosofia chegou no Estado, essas perguntas foram feitas de modo mais amplo e aberto. Então, não acho que no Brasil, por exemplo, a gente tenha uma cultura filosófica, mas considero até que, voltando a Heidegger, a tradição europeia inteira esqueceu da pergunta principal, ou seja, passou a perguntar pelos entes, esquecendo do Ser, de modo que o esquecimento do Ser é a grande questão da vida dele, que tenta recuperá-la.

Como e por que isso para nós é tão importante? Talvez porque quando nos indagamos sobre isso, nos damos conta da nossa finitude. Nesse momento, eu passo para outra filiação filosófica minha, que é a hermenêutica, para quem a filosofia não nos deixa esquecer de nossa condição finita: afinal, perguntando por entes e respondendo sobre eles a gente pode se animar a ponto de considerar que somos capazes de responder sobre tudo, e daí vem a prepotência. Por isso é importante voltarmos para o berço da filosofia socrática, que é o reconhecimento da sabedoria como a constatação acerca da própria ignorância. Isso também é consciência da finitude.

Ao perguntar, há a consciência de que a indagação, que pode até satisfazer momentaneamente, voltará com toda força outra vez. Alguém pode se olhar diante do espelho todos os dias e se perguntar de forma legítima e radical: quem sou eu? Essa pergunta é de fato nova, porque esse alguém está perguntando sobre algo que não sabe. Pode até conhecer suas características, mas a pergunta remete a alguma coisa que escapa, que não é dita, e como somos filhos do tempo, todo dia alguém que se indague sobre quem é o faz com a necessidade verdadeira de respondê-lo. Então, trata-se de uma pergunta filosófica, e no fundo a filosofia poderia se afirmar como uma filosofia da finitude, já que é a finitude que nos marca definitivamente.

Portanto, o grande bem que a gente faz no Ceará, no que vocês chamam de filosofia alencarina, é fazer com que as pessoas se perguntem sobre o sentido do viver, do fazer e do existir, a fim de conferir sentido a tudo que se faz. A filosofia nasce mediante a busca fundamental pelo sentido, já que os homens precisam significar tudo o tempo todo. Segundo Kierkegaard, essa é uma angústia fundamental que não abandona os homens, pois vem à tona quando mantêm sua capacidade de perguntar

pelo sentido. É aí que eles se angustiam, já que a pergunta não os deixa nunca mais. Do mesmo modo, as respostas para ela não são definitivas.

Pergunta 2: (Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Aproveitando, Prof. Custódio Almeida, sua contextualização sobre a filosofia, gostaríamos de lhe perguntar, como cearense e vendo o mundo a partir deste lugar, como o senhor reflete sobre as questões que nos afetam? Dito de outro modo, a filosofia é grega e dá conta das questões existenciais mais amplas e profundas, mas como um homem que luta, como um pesquisador que persegue a filosofia aqui no Ceará e possui essa leitura do lugar em que está, quais as questões que o senhor pondera que sejam centrais? Quais são as questões que hoje envolvem a filosofia e que nós precisamos enfrentar?

Prof. Dr. Custódio Almeida: Existem questões que não nos deixam jamais, que são universais. Assim, afirmar que a filosofia é grega não significa que ela não esteja em todos os lugares. Dizê-lo não implica reivindicar territorialmente a filosofia, mas defender que ali descobrimos uma coisa que diz respeito a todos, que é universalíssima. Se alguém fizer assim, fará filosofia.

Por exemplo, se um pesquisador vai para uma universidade japonesa e lá faz filosofia, inclusive levando em consideração as características do país, fará filosofia grega. Os filósofos japoneses e de qualquer lugar do mundo estudam Platão, Aristóteles, Plotino, Tomás de Aquino, Agostinho. E é muito simples o entender quando pensamos em ciência. Qual a diferença entre ciência e filosofia? A ciência pergunta e responde sobre objetos. Seu modo de fazê-lo é universal, pois o cientista que tenta descobrir uma vacina na China usa ciência do mesmo modo que um alemão ou um brasileiro. Ou seja, não existe ciência territorial específica no sentido estrito da palavra. Por isso o chinês, o alemão e o brasileiro fazem ciência.

Com a ciência é mais fácil entendê-lo por que a ruptura que a ciência fez com a filosofia, especialmente a partir da Modernidade, tornou claro o que Heidegger traz à tona. Naquele momento os cientistas disseram: “filósofos, cuidem da pergunta sobre o que não é objeto, porque quem sabe cuidar do objeto somos nós”. Nessa ocasião, ao dizê-lo, parecia que a filosofia ia acabar. Afinal, o que sobraria para ela? Porém, o que há é uma grande virada, porque o que sobra para a filosofia não é o que resta, mas o que ela é, na realidade.

A Filosofia não pergunta como resolver o problema da descarbonização do planeta. Essa é uma questão científica e, portanto, o filósofo não pergunta por isso. Mas é bom a gente falar de ciência porque ela nos faz entender que se um cientista da Universidade Federal do Ceará é capaz de estudar na Universidade de Tóquio é porque o modo de fazer ciência é semelhante. Os congressos internacionais existem porque o modo próprio de fazer ciência é o mesmo.

Porém, vocês perguntaram algo bastante interessante, porque existem características particulares. Na verdade, as grandes características estão marcadas desde a tradição e ao longo dela. Eu diria que desde o nascimento da filosofia, na Grécia, quando alguém pergunta o que distingue o modo de fazer filosofia de Platão e de Aristóteles, nota que há neles uma distinção que correu mundo: o modo platônico de fazer filosofia é dialético, enquanto o aristotélico é analítico. Essas duas vertentes, dialógica e analítica, repercutem na história da filosofia, de modo que ao decorrer dela, nos perguntamos quem é analítico e quem é dialógico: na Idade Média, Agostinho tem uma tradição bem mais platônica, enquanto Tomás de Aquino é analítico. Na Idade Moderna, Kant é bem mais platônico, e Hegel, aristotélico. Então, certamente essas distinções existem, e dependem do modo de vida e da cultura. Os ingleses, por exemplo, deram mais ênfase à vertente analítica, enquanto os franceses se identificaram com a verve platônica e com a aproximação com a literatura.

O Brasil e o Ceará, sobremaneira vinculado a esse contexto mais amplo, têm a capacidade de desenvolver uma filosofia muito mais associada à literatura, ou seja, iniciar um modo de fazer, escrever e discursar sobre as perguntas filosóficas em um modo literário sem perder o foco do argumento filosófico, que pode ser acompanhado pelos outros, discernido e esclarecido. Nossos alunos de filosofia cada vez mais se aproximam dos grandes literatos brasileiros buscando as discussões filosóficas que eles, enquanto escritores, estavam interessados em fazer. Portanto, é possível descobrir filosofia em Clarice Lispector, José de Alencar. Quanta filosofia têm em *Grandes Sertões Veredas!* Guimarães Rosa é um oásis de possibilidades filosóficas.

No Ceará, existem as questões próprias que nos tocam, temas que nos arrastam, que podem ser apropriados pelo discurso filosófico. Desde a formação geográfica, a dureza da caatinga, o modo de viver e olhar o mundo a partir do sertão. A filosofia pode começar em qualquer lugar, sob qualquer mote ou motivo. Todas

essas questões podem se transformar em discurso filosófico, desde que não percam de vista que o discurso filosófico não trata de objetos.

Pergunta 3: (Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Como o senhor observa esse movimento de (re)encontro dos filósofos e pesquisadores de filosofia com a filosofia motivada por questões cearenses, como aquela empreendida por Farias Brito e Rocha Lima, ou até mesmo por filósofos e docentes de filosofia que ainda estão conosco, como o Prof. Manoel Araújo de Oliveira, que nos últimos anos têm suscitado diversos TCC'S e artigos sobre a filosofia manfrediana?

Prof. Dr. Custódio Almeida: O interesse só nasce se for realmente fomentado. Por exemplo, o Prof. Manoel Oliveira é um dos grandes responsáveis justamente por despertar esse interesse por filosofia em muitos pesquisadores no Ceará, na medida em que estudou na Itália e na Alemanha e trouxe em primeira mão diversos pensadores até terras cearenses, além de ter aberto cursos lá no começo, assim como disciplinas de pós-graduação e de especialização ainda antes da existência dos cursos de pós-graduação em filosofia aqui. Isso também denota que o interesse é sempre fomentado. Eu diria que isso acontece em qualquer área.

Outro exemplo é quando a Universidade Federal do Ceará abriu o curso de Cinema, o que aconteceu quando eu era pró-reitor. Na sua fundação, eu recebi muitas críticas: “O que tem a ver cinema com o Ceará?”, me perguntavam. Ainda assim, o curso foi inaugurado e o Ceará hoje é um circuito através do qual o cinema nacional passa, motivo pelo qual o Cine Ceará despontou fortemente. Então, depende muito do fomento, e com a filosofia não acontece diferente.

Por outro lado, a filosofia é mais dura, porque é preciso se livrar da carga ou da sobrecarga do concreto, abrindo uma brecha para o abstrato a fim de que a pergunta filosófica surja. Por isso é tão importante a sua inserção nas escolas, porque se trata de um processo longo no qual quanto mais as pessoas estiverem presas ao pragmatismo, à técnica e ao tecnicismo, mais difícil é fazer filosofia, porque, de uma certa forma, ela não deixa de impor um tipo de despojamento da técnica.

A filosofia, desde os gregos, é considerada filha do ócio porque impõe não um estado em que o indivíduo não faz nada, mas necessariamente necessita de um tempo em que o sujeito se dá conta que o que realmente importa é aquilo que não se

enquadra na lógica da utilidade. Ou seja, nessa leitura, o ócio implica livrar-se do utilitarismo. Por isso, quando os meus alunos me indagavam para que serve a filosofia, eu dizia que, do ponto de vista do utilitarismo, para nada. Ela não conserta nada, não constrói diretamente nada de concreto (uma ponte, por exemplo). Não serve para reflorestar ou descarbonizar. Então, nesse sentido, ela não serve para nada. Porém, quando nos damos conta disso, percebemos também que sem perguntar o que estamos fazendo nesse mundo, estar aqui não significa muito.

Então, o Prof. Manoel Oliveira certamente merece todos os aplausos e homenagens, porque ele poderia não ter ficado no Ceará, até porque estava inicialmente sozinho aqui, em termos filosóficos. Poderia ter ido para São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais, centros brasileiros que já tinham filosofia, mas ficou aqui, insistiu e certamente convidou as pessoas para pensar filosofia.

Ele certamente tem tudo a ver com o lançamento do mestrado e do doutorado em filosofia da Universidade Federal do Ceará. Muita gente formada pela pós-graduação fez filosofia por causa dele. E é assim que a filosofia nasce: quando ela é plantada, quando é despertada. Fazer o que os gregos conseguiram realizar na Antiguidade, hoje é possível empreender institucionalmente.

Pergunta 4: (Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Aproveitando a ideia da indução, a próxima questão discutirá uma situação correlata. As últimas reuniões da CAPES, por exemplo, têm suscitado certa curiosidade de professores e pesquisadores de outros estados, que têm indagado o que tem acontecido no ensino de filosofia no Ceará. Esse *boom* de cursos que desperta a atenção da CAPES e dos pesquisadores de outros estados denota que não nos falta estudantes de filosofia. Como o ensino de filosofia tem prosperado de uma maneira tão forte, a despeito de questões políticas e educacionais? A que o senhor remete a indução a que acabou de se referir ao falar sobre o Prof. Manoel Oliveira?

Prof. Dr. Custódio Almeida: Trata-se de uma pergunta difícil de responder porque é preciso recordar as especificidades do Ceará, que, de fato, existem. Não é problemático falar em especificidades geográficas, tampouco recordar que o povo cearense é muito fortemente marcado pela migração, e pensar sobre esses dois fatores é também filosófico. No que tange à migração, por exemplo, essa busca, esse

trânsito, no sentido de transcender, ou seja, *ascender além de*, apresenta questões eminentemente filosóficas.

Por outro lado, o cearense tem uma marca muito forte, que é a literatura. Temos até alguns autores que não são tão festejados, mas são muito importantes, como Antonio Sales, que escreveu o livro *Aves de Arribação* e criou a Padaria Espiritual, que, por sua vez, inspirou a Semana de Arte Moderna de São Paulo. Antônio Sales também ajudou Machado de Assis a fundar a Academia Brasileira de Letras.

Lembro-me de um poeta que eu gosto muito, Batista de Lima, que escreveu sobre um trajeto que percorreu da Cidade dos Funcionários até a Bezerra de Menezes, transitando apenas por ruas literárias. Rogaciano Leite, Antônio Sales, Antônio Justa, Bezerra de Menezes, são vias literárias que demonstram que Fortaleza é uma cidade com muitos nomes de ruas e avenidas cuja inspiração são escritores. Isso acena para nossa relação com a literatura.

Além disso, o perfil do cearense como o migrante, aquele que busca e que quer se encontrar pode ser uma boa resposta a esse *boom* que foi mencionado sobre os cursos, mostrando que o estímulo (que é a formação e manutenção dos cursos de filosofia no Estado) não fica no vazio. É interessante observá-lo, porque poderia não haver uma resposta, um retorno, mas investir em filosofia no Ceará tem dado certo. Tomando como analogia a literatura, a gente tem excelentes perspectivas para a Filosofia no Ceará. Na literatura, nós temos grandes nomes, e na filosofia, precisamos continuar fomentando para ter grandes nomes também.

Pergunta 5: (Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): O senhor ocupa hoje o cargo de reitor da Universidade Federal do Ceará, mas também já foi coordenador do curso de filosofia da instituição, bem como participou da sua criação. O senhor citou o Prof. Manfredo Oliveira como referência para a institucionalização da filosofia no Estado, mas também faz parte desse processo. Gostaríamos que compartilhasse a sua opinião sobre os esforços para institucionalizar a filosofia, entendendo de que modo eles são importantes para o fomento que o senhor mencionou anteriormente, em prol do tipo de pensamento que é próprio da filosofia.

Prof. Dr. Custódio Almeida: Como reitor, eu tenho aproveitado muitas oportunidades para questionar o sentido da universidade. Eu faço esse questionamento, que é filosófico.

Além disso, está super difundido, e de forma equivocada, que a universidade é uma instituição que existe para profissionalizar, de modo que as pessoas chegam na universidade para se tornar profissionais. Eu tenho dito cada vez mais que se a universidade se perder da sua origem, que é ser um lugar de pensamento livre, ela vai se perder como universidade, enquanto outras instituições vão formar excelentes profissionais. Ou seja, para que existam profissionais bem formados, não necessariamente a universidade é necessária. Agora, se na universidade o profissional desenvolve visão de conjunto e autonomia, esse profissional será, então, verdadeiramente universitário.

Portanto, para ser universitário, você precisa muito mais do que ser médico, advogado, engenheiro, psicólogo, filósofo ou historiador. Você precisa ter visão de conjunto. O que confere o grau de universitário a alguém não é ser graduado, mas dispor de visão de conjunto e autonomia, que, por sua vez, possibilitarão aos universitários se entenderem como seres sociais, com capacidade de articular e identificar que sua pesquisa e seu trabalho têm relações com outras áreas e implicam em outras pesquisas e pessoas.

Eu só trago essa perspectiva por causa da filosofia. Esse discurso que eu tenho feito cada vez mais em coleções de grau, por exemplo, é para dizer a cada um o seguinte: “olha, você está conquistando um começo, em um determinado nível de autonomia, que se imagina que pode começar a colaborar com o mundo, atuando nele”. E isso é filosofia. Platão dizia isso na *República*: quem tem visão de conjunto é filósofo, é dialético. Quem não possui, não o é.

Ou seja, a universidade, desde sua origem, busca a conquista da liberdade. É possível ter uma profissão, mas ser escravo. Ser livre, portanto, é ter capacidade de transcender, de atuar, de intervir. Então, eu espero ter condições de ajudar cada vez mais, inclusive a filosofia, de modo muito especial.

Pergunta 6: (Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Caminhamos para a última pergunta partindo de sua defesa da interconexão entre educação e filosofia. Tomando essa perspectiva de modo macro, o Ceará ocupa hoje uma posição privilegiada nos

rankings educacionais. Os olhos do Brasil, nesse sentido, querem entender o sucesso de nossos índices. Isso tem a ver, obviamente, com a formação universitária, já que os professores que estão nas salas de aula da educação básica em grande parte são formados pelas instituições de ensino superior com essa visão de conjunto que o senhor apontou. Então, de que maneira nós precisamos cada vez mais, voltando às origens gregas, pensar em uma formação paidética, que dê a esse indivíduo a ideia de que para além de um emprego, ele precisa ter um papel social e uma função na comunidade em que está inserido?

Prof. Dr. Custódio Almeida: Eu aproveito a pergunta, inclusive, para complementar o que já foi dito que, ao contrário do que se possa pensar, a visão de conjunto torna os homens e mulheres melhores profissionais. Ou seja, a visão de conjunto não é um tempo roubado, não é conteúdo subtraído, mas, pelo contrário, é aprender a utilizar tudo aquilo que a profissão oferece da melhor forma possível e se sentir instigado a não parar de estudar e pesquisar, porque o perigo do pragmatismo e do utilitarismo é esquecer do imperativo de continuar pesquisando e estudando. E se alguém quer ser um profissional, de qualquer área que seja, não pode perder de vista esse processo contínuo de educação e aprendizagem. Alguém só se motiva para tanto quando entende o lugar que ocupa na sociedade e que pode fazer até mais do que imagina. Então, acho eu que quando a gente estimula as pessoas a se entenderem no mundo, você ajuda em todos os aspectos. Esse é o sentido da pergunta?

(Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Sim, o objetivo é pedir que o senhor fale sobre o impacto de uma educação para além do tecnicismo. Não há dúvidas que precisamos de técnica, e inclusive nós estamos aqui hoje em razão de toda técnica que a humanidade acumulou, mas, referimo-nos a uma educação voltada para a contemplação do todo, que não se preocupa apenas com a decodificação do texto, mas com a capacidade de entender seu lugar no mundo, utilizando o texto para entender o seu espaço, e como a partir dessa formação emancipatória, crítica, filosófica, libertadora, para usar termos de Paulo Freire, pode-se mobilizar um tipo de educação que realmente faz a diferença, que possui um notável impacto social, ainda que não esteja mensurada nas grandes avaliações.

Prof. Dr. Custódio Almeida: Quando a gente fala em teorias pedagógicas, não podemos esquecer que, de modo geral, uma teoria filosófica se relaciona com uma filosofia da educação correspondente. O que dá lastro conceitual, apesar de existirem diferentes métodos, é justamente a filosofia da educação, que é a macro orientação daquilo que se está propondo na educação.

Pegemos algumas teorias bem desenvolvidas. Piaget, por exemplo, tinha muita clareza teórica de que você não consegue acionar seu aparato cognitivo sem que haja uma permissão afetiva para fazê-lo. Então, primeiro, você conquista a criança, e a partir dessa conquista, chega o momento de aprender.

Existem teorias da educação que entendem claramente que se a criança não tiver desenvolvido a sua inteligência motora, terá dificuldade de alcançar a sua capacidade cognitiva e abstrata. Então, Paulo Freire, quando pensa a alfabetização de adultos, considerava que o adulto se alfabetiza muito rapidamente se ele entender o sentido e o uso das palavras. Ou seja, trazer o que é aprendido para que faça sentido.

Digo isso para afirmar que hoje, a maior crise da escola e da universidade não é de conteúdo, mas é garantir o desejo, a vontade da criança e do jovem de estar nelas. Nós não vivemos uma crise de conteúdo: ao contrário, nós temos uma quantidade cada vez maior de saberes explorados. A sociedade da informática trouxe um acréscimo poderoso a isso.

Na década de 1970, os teóricos da informática achavam que a facilidade no acesso a conteúdos faria com que não fosse preciso ir à Biblioteca de Londres para acessar os livros que lá estão. Eles achavam que isso seria uma revolução educacional gigantesca, e a gente percebe hoje que não é, pois não é a facilidade no acesso que faz a diferença, mas a vontade de acessar. Hoje, quantos de nós tem acesso a tantas informações, mas não tem vontade nenhuma de fazê-lo? Podemos abrir nossos aparelhos celulares e acessar, gratuitamente, *O Quinze*, de Raquel de Queiroz. Isso faz você ler? Muito pelo contrário, pois cada vez mais as pessoas se conformam apenas com os fragmentos.

Portanto, a grande crise não é de conteúdo, mas de concepção de escola que garanta que os estudantes tenham vontade e prazer de estar nela. Isso tem a ver com sentido, e com o início de nossa conversa. Por que o estudante não quer ir para a escola? Porque, para ele, não faz sentido, enquanto faz mais sentido estar na rua, no

shopping, jogando, usando o celular e seus aplicativos. Portanto, como falta esse prazer, precisamos resgatar o sentido de estar na escola, na universidade, de estudar, de descobrir pela leitura.

Trata-se de um desafio gigantesco porque quem compete com relação a isso são os apelos da tecnologia, apelos imagéticos, um competidor poderosíssimo que traz novidades a cada segundo, o que faz com que se alguém esteja atrás de novidade, não veja sentido na escola. Com isso, a filosofia entra em crise também. A filosofia é o lugar da demora, da lentidão. Não é o lugar da velocidade frenética que sequer possui uma paragem para chegar.

Ainda no bojo da resposta, para que o aluno queira se demorar nos conteúdos que a escola oferece, ele precisa entender o sentido de estar na escola, porque senão nenhum conteúdo o fará. Essa é uma questão filosófica inerente ao nosso modo contemporâneo de vida, além de ser um desafio para qualquer educador e gestor.

(Profs. Vicente Brazil e Lara Rocha): Professor, antes de encerrar a entrevista, gostaríamos de lhe dar a palavra final, caso haja alguma questão que queira pontuar.

Prof. Dr. Custódio Almeida: Na finalização eu destaco que se nos perdermos da questão que é fundadora da filosofia, que é a primazia da pergunta, a pergunta pelo sentido de existir e estar no mundo, estamos perdidos enquanto humanidade. Por isso, insisto ainda que retomemos a ideia fundamental da filosofia, que é o convite para ir além do útil, descobrir o que é a angústia de existir, porque sem ela, tudo é banalizado, porquanto falta a consciência da finitude. Portanto, minha última palavra seria para que não nos percamos dessa descoberta grega que é a primazia da pergunta por aquilo que não é mero objeto. Isso equivale a perguntar pela condição de existência.